

## UMA DIVA PARA O AGRO

**\* Roberto Rodrigues**

Desde muito cedo aprendi a admirar a França e seu povo. Morando na roça, meus pais faziam questão de mostrar às crianças o que era possível naquele tempo - e lá se vão mais de 60 anos - da cultura européia, de onde vieram seus ancestrais.

E falavam então de grandes astros e figuras da Inglaterra, França, Alemanha, Itália, Espanha. E ainda de norte americanos e da nossa América Latina.

Ouvíamos quase todas as noites discos de orquestras e cantores de diferentes nacionalidades.

Mas foi a língua francesa, tão feminina, que nos encantou mais que tudo. Ouvir Charles Trenet, Maurice Chevalier e Edith Piaf era muito bom. E depois vieram Gilbert Becaudo, Yves Montand, Mireille Mathieu, Charles Aznavour, o maestro André Rieu e tantos outros... Mais tarde conhecemos os grandes autores, desde os libertários Voltaire, Montesquieu e Rousseau, passando ainda por Victor Hugo que marcou toda uma geração, e os clássicos Flaubert, Balzac, Proust, Alexandre Dumas, Sartre, Saint Exupéry, o grande Julio Verne, além de Simone de Beauvoir e o Marquês de Sade. No cinema vimos Jean Gabin, Jeanne Moreau, Brigitte Bardot, Alain Delon, Charles Boyer, Depardieu, Simone Signoret, Jean Paul Belmondo, Louis Jourdan, Juliette Binoche e a magia dos diretores Truffaut e Polanski.

Na pintura, os impressionistas mais "impressionantes", Manet, Monet, Degas, Cezanne, Renoir, Gauguin, Toulouse Lautrec, Millet, Delacroix, sem perder a arte de Debret, Taunay, Poussin, Matisse e Leroux, sempre um prazer para os olhos, assim como os escultores Rodin, e Bertrand.

Também na ciência os franceses tiveram destaque, com Pascal, Pasteur, Descartes, Gay-Lussac, os Curie...

De Gaule, um herói quase mítico, escreveu na política uma página que até hoje inspira os líderes franceses e europeus, e consta que disse do Brasil uma frase que nunca foi tão atual como nos dias de hoje.

Mas há alguns meses aconteceu algo que tornou ainda mais marcante minha admiração por esse povo notável, que também na política vem dando exemplos de democracia, equilíbrio, e até de "reinvenção", como observamos muito recentemente com o Presidente Macron. É que a maravilhosa Catherine Deneuve, uma das primeiras paixões de muitos jovens da minha geração, recebeu no final do ano passado o prêmio Molière, o mais importante da cinematografia europeia. Aliás, super merecido. E em seu discurso de agradecimento, ela dedicou o prêmio aos agricultores franceses. Foi aí que meu respeito pelo seu povo foi marcado por uma mancha imperdoável: tive muita inveja dos nossos colegas do campo de lá.

E fiquei imaginando quando será que uma grande diva brasileira reconhecerá o trabalho dos nossos produtores rurais. Mais uma vez me ocorreu o quanto temos sido incapazes de mostrar o valor desses milhões de homens e mulheres que se levantam todos os dias quando o sol ainda começa a tingir de

vermelho o horizonte, ligam suas máquinas plantadeiras, cultivadoras e colhedoras, misturando o potente ronco dos motores com a algaravia da passarada que saúda cada amanhecer. Gente que trabalha o dia todo, em comunhão com a natureza que respeita, até que o mesmo sol se cansa de vê-los em sua faina e vai descansar, chamando as estrelas e a lua para substituí-lo. Heróis anônimos tão pouco conhecidos.

É bem verdade que, graças à mídia contemporânea, a sociedade brasileira em geral já sabe que o agronegócio tem sido há muitos anos o sustentáculo da economia brasileira, seja no que tange ao crescimento do PIB, seja quanto ao saldo comercial, seja quanto à geração de empregos. Aliás, o agro foi o único setor que não desempregou nos últimos 2 anos. Ao contrário, gerou empregos, e cada vez mais sofisticados, com a mecanização rural e com as mudanças de instrumentos de gestão. Mas, embora reconhecendo esse fato, nossos concidadãos não têm reagido proporcionalmente no que diz respeito a apoiar políticas públicas que estimulem ainda mais aos nossos produtores.

Vale a pena conhecer a razão da existência dos mecanismos de política agrícola que os franceses tanto defendem e que são comuns na Europa, nos Estados Unidos e na Ásia. Eles tem uma história: a Europa passou fome durante a segunda guerra mundial. Terminado o conflito, os líderes do Velho Continente decidiram que nunca mais isso aconteceria. E montaram a Política Agrícola Comunitária, com vários instrumentos que garantissem a estabilidade da atividade produtiva e consequente abastecimento dos consumidores todos. Esta é a questão fundamental: a proteção aos produtores europeus só existe para proteger o povo inteiro do aterrorizante fantasma da fome.

Atualmente, um dos itens fundamentais dessa política pública é o seguro rural, que sustenta a renda no campo, tanto na Europa quanto na América do Norte (cujas ações no mesmo sentido começaram com o New Deal de Roosevelt), contra acidentes climáticos e também contra as oscilações de preços. Com a renda garantida, os produtores seguem produzindo, e o abastecimento está sustentado. E todo mundo fica feliz, inclusive o consumidor europeu e americano que paga impostos para ter a tranquilidade da dispensa bem fornida.

Temos que caminhar para um seguro desta qualidade, que interessa aos produtores, aos consumidores e também aos bancos, aos fornecedores de insumos (adubos, sementes, defensivos, máquinas e implementos), às indústrias de alimentos e aos distribuidores. Claro: quando agricultores quebram, há um efeito dominó, porque não podem pagar bancos e fornecedores de insumos. O seguro evita isso. Ninguém perde onde há seguro, e os bancos emprestam aos agricultores sem nenhum problema. O equilíbrio trazido pelo seguro é essencial também para o governo que não precise ficar renegociando dívidas a cada desastre climático: isso tem custos muito maiores do que custaria a subvenção aos prêmios do seguro, especialmente com a participação de todos os agentes referidos e mais o próprio produtor.

Quando teremos isso funcionando plenamente? Talvez só quando tivermos a nossa Diva, uma Deneuve tupiniquim...

**\* Coordena o Centro de Agronegócios da Fundação Getulio Vargas, foi ministro da Agricultura e escreve artigos todas as terças segundas-feiras do mês**